

AS REPRESENTAÇÕES RELIGIOSAS EM “UMA ESTÓRIA DE AMOR” (FESTA DE MANUELZÃO), DE GUIMARÃES ROSA.

DORIVAL SOUZA BARRETO JÚNIOR*

RESUMO: Com este trabalho pretendo expor aspectos religiosos (ritos, tradições religiosas) que aparecem na novela escrita por Guimarães Rosa, intitulada *Uma estória de amor* (Festa de Manuelzão). Trata-se de mais um diálogo entre literatura e teologia na intrincada escritura rosiana. Este ensaio, por isso, proporá uma leitura interrogativa do texto de Guimarães Rosa, em busca de construir um processo fenomenológico de descrição dos traços 'metafísicos' da sua narração ficcional. Em que sentido a novela de Guimarães Rosa exprime uma visão religiosa, ao mesmo tempo regionalista e universal? Quais são os mecanismos literários da novela rosiana que expressam o esforço da tradução do universo religioso brasileiro, como uma forma de 'estética do maravilhoso'? De que maneira o gênero novelístico rosiano abarca a transcendência religiosa, sem perder a vontade realista de narrar uma história comum e sertaneja?

PALAVRAS-CHAVE: Festa popular, religiosidade, ritos, tradição, Guimarães Rosa.

ABSTRACT: The purpose of this article is to expose religious aspects (rites, religious traditions) that appear in the novel written by Guimarães Rosa, entitled *Uma estória de amor* (Festa de Manuelzão). It is another dialogue between literature and theology in Guimarães Rosa's intricate writing. So, this article will propose an interrogative reading of Guimarães Rosa's text, trying to build a phenomenological process of description of the metaphysical traces of his fictional narration. In which sense does Guimarães Rosa's novel express a religious view that can be at the same time regionalist and universal? What are the literary mechanisms of Guimarães Rosa's novel that express the effort of translation of the religious Brazilian universe as a form of aesthetics of the marvelous world? In which way does Guimarães Rosa's novelistic genre encircle the religious transcendence without losing the realistic wish to narrate a common country story?

* UNIMONTES, Doutor em Teologia. Agradecemos o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG.

KEYWORDS: Popular party, religiousness, rites, tradition, Guimarães Rosa.

Mais conhecida como *Festa de Manuelzão*, a narrativa *Uma estória de amor* se passa, geograficamente, na Samarra, “(...) nem fazenda, só um reposto, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos-Gerais...” (ROSA, 2001: 153). Demarcando uma territorialidade, dá-se início à ritualidade narrativa, tudo começa com uma grande expectativa em torno da festa, grande signo da comemoração humana, que ocorreria devido à inauguração de uma capela, importantíssima, que Manuelzão fez construir atendendo à memória do pedido de sua falecida mãe. Muita gente é atraída para o lugarejo por causa disso. Um padre é chamado para benzer o “templozinho, nem mais que uma guarita, feita a dois quilômetros da Casa” (ROSA, 2001: 153).

A festa de bênção da capela só é realizada porque D. Quilina, mãe de Manuelzão, apreciara a vereda da Samarra e manifestara o desejo de erigir a capela “num ponto ideado” (ROSA, 2001: 159), onde, mais tarde, fora enterrada. Assim, ele organiza a festa, com o discreto intuito de concretizar o desejo materno.

Os festejos, véspera e dia da inauguração da capela, provocam em Manuelzão uma reflexão sobre a relação tempo/vida e ele percebe, aos poucos, que há um tempo do sempre, e um tempo medido pelas ações do homem. Tal reflexão se aproxima da proposta de Prigogine. Para ele o ser humano, limitado, tenta entender o tempo infinito, ilimitado.

O tempo, o conflito interno, e as personagens circundantes, que vão à festa, permitem a elaboração de duas linhas diferentes de existência dentro do processo narrativo, e Manuelzão se agita entre elementos dissonantes.

A festa tem início realmente com a chegada do padre, frei Petroaldo, que é recebido com foguetes e muita alegria: “A voz do povo levantou um louvor, prazeroso” (ROSA, 2001: 168). A celebração da missa, no dia seguinte, anima ainda mais a festa, que prossegue com danças e violas, cantigas populares e quadrilhas sertanejas, além da farta comida.

Os ritos e as tradições religiosas presentes na obra giram em torno da festa organizada por Manuelzão, personagem principal, vaqueiro de mais de sessenta anos, cuja trajetória, lentamente, é reconstituída em meio à festa que oferece para “sagração” da capela, da igreja dos sonhos da mãe, que ora se realizavam.

A Festa de Manuelzão constitui-se um momento de reunião e confraternização, com direito à parte das tradições religiosas:

Em todas as religiões a festa é um elemento essencial do culto: com certos ritos estabelecidos para determinados tempos a assembléia homenageia com alegria, tal ou tal aspecto da vida humana: ela rende graças e implora o favor da divindade (LÉON-DUFOUR, 2002: 349).

A festa ia acontecer naquele *espaço*, como nos moldes do crítico Benedito Nunes, quando comenta o *espaço* na obra de Guimarães Rosa, constatando que este é o espaço que se abre em forma metafórica de uma viagem, e que a viagem se converte em mundo, em aprendizagem de vida. Nunes afirma que existir e viajar se confundem; o crítico completa que a viagem em Guimarães Rosa consiste numa travessia das coisas, numa *viagem-travessia*. Identificada a um conflito moral e existencial, a viagem rosiana perde, dessa forma, os contornos de um mero deslocamento, de uma simples itinerância, para potencializar-se num sentido *metafórico* (cf. NUNES, 1969: 174-175).

Por isso, muitos vêm de longe para daquele espaço participar, que até parece um cafarnaum, lugar de tumulto, confusão, miscelânea de pessoas. O próprio Manuelzão se admira: “Que povo, o desse baixío, dum sertão, das brenhas! Que juízo formavam da festa que ia ser, da missa na Samarra, na capelinha feita?” (ROSA, 2001: 156). Os ritos religiosos, no caso, a festa de “sagração” da capela, são para aquele povo sofrido, oportunidade de mergulhar no sagrado e tornar menos dura a lida diária (cf. ELIADE, 1992: 79). É uma passagem...

A festa, por sua vez, apresenta também um aspecto de bipolaridade. É cerimônia e divertimento: sagrado e profano: “Dando de repente, a missa já tinha se terminado, todos levantavam, nessa mistura, função do povo – era a festa. O padre tinha pronunciado o casamento de três casais, deu-se um afino nas violas. O leilão principiava” (ROSA, 2001: 208); morte e vida: “Sua mãe, saudosa velhinha, a melhor das de lá no Céu, havia de estar gostando, de muito aprovar. Era a festa dela. Aquele dia, ela estava juntinha com Nossa Senhora” (ROSA, 2001: 172); espontâneo e oficial:

Assim aquela procissão, ela marcava o princípio da festa? Mas Manuelzão, que tudo definira e determinara, não a tinha mandado ser, nem previra aquilo. Quem então imaginara o recheio das coisas, que impunham para se executar, no sobre o desenho da ordem? (ROSA, 2001: 179).

integração e contestação:

Onde era que o Adelço se amoitava, naquela hora? Não devia de estar dentro da Capela, com o padre, o sacristão, Leonísia, o senhor do Vilamão, seo Velho e os filhos, as outras pessoas de primeira vantagem. O Adelço era o contrário da festa (ROSA, 2001: 180).

A festa se desenrola em um determinado espaço e lugar apropriados. O espaço principal é a capela. A capela é, não somente, um espaço físico, mas também um ambiente onde os aspectos psicológicos, sociais e espirituais se fazem presentes (cf. GANCHO, 1993: 23). De fato, os lugares destinados ao culto têm um significado não somente como lugar ou ambiente antropologicamente falando, mas como espaço privilegiado para o encontro com Deus. Nesse sentido, a tradição religiosa regional está em consonância com a concepção da Igreja em todo o mundo. A capela, só um reposto, é agora casa de todos, é orgulho para o Manuelzão e seus convidados: “Tudo igual em igreja mestra” (ROSA, 2001: 207).

Para exercer a sua função litúrgica a capela precisa estar, não só ornamentada com flores e toalhas, providenciadas pelas mulheres que trabalhavam em mutirão e que surgiam quase que de repente de toda parte. Em contraposição ao trabalho que elas desempenhavam para deixar a capela arrumada, encontra-se o padre que, sozinho, traz o material necessário para a Missa. Isto talvez se devesse ao fato da escassez de padres. Nas chamadas “desobrigas” eles levavam tudo o que seria utilizado nas celebrações dos sacramentos: “O padre estrangeiro, frei Petroaldo, alimpado e louro, com polainas e culotes debaixo do guarda-pó, com o cálice e os paramentos nos alfoges” (ROSA, 2001: 168).

Dentre os elementos simbólicos que fazem parte da tradição religiosa das igrejas também rurais, Manuelzão lamenta-se da falta do sino. Com o lucro do leilão talvez pudesse “comprar um sino, sinozinho, para os ares” (ROSA, 2001: 2007). O sino é a voz de Deus que chama a todos para a função religiosa, para o encontro com Deus e com os irmãos.

A cruz, outro elemento simbólico, igualmente importante, lá estava: “Uma ermida, com paredes de taipa-de-sebe, mas caiada e entelhada, barrada de vivo azul e tendo à testa a cruz” (ROSA, 2001: 153). A cruz é símbolo da fé e identidade do povo. Exprime relações, lembranças, identidade e pertença. Colocar a cruz à testa daquela capela queria lembrar a

todos os presentes e passantes, que é pela cruz que o povo de Deus, a exemplo de Cristo, chega à ressurreição.

A pobreza, a distância dos grandes centros, poderiam parecer obstáculos para que os ritos e tradições religiosas não fossem realizados. Nesse sentido, Manuelzão providencia a imagem de Nossa Senhora: “A imagem no altar sorria sem tamanho e desjeitada, uma Nossa Senhora feia. Nossa Senhora do Perpétuo Socorro” (ROSA, 2001, p. 153). Nesse caso, a imagem poderia exprimir a vontade do autor de narrar uma história comum, mas indicando que aquele povo precisaria do socorro, da misericórdia de Deus e, da mesma forma, que fosse socorrido por parte das autoridades, pois ali se encontrava toda sorte de gente:

Gente de surrão e bordão... Alguns tão estranhos, que antes de apeiar do cavalo invocavam em alta voz o louvor a Cristo-Jesus e esperavam de olhos quase fechados o convite para entrar com toda paz e mão irmã na hospitalidade geral (ROSA, 2001: 157).

Traziam doentes e imploravam para armar suas tipóias ou latadas perto da capela, aleijado, ciganos e prostitutas. Vinham por devoção, para rezar, mas também matar a fome: “Pobres lazarados queriam ajudar em algum serviço, por devoção e esperança de comida” (ROSA, 2001: 157). No ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro ela é apresentada com a mão direita que aponta para Jesus, o Perpétuo Socorro¹.

Na narrativa *Uma estória de amor*, a Missa é um dos momentos centrais. Os preparativos para o dia da Missa e o dia da Missa em si, são narrados com grande riqueza de detalhes. Para o povo, esse dia era diferente. Toda a criação alegrava-se com o acontecimento. Passarinhos, periquitos, fogo-pagou, pássaros-pretos, juritis, pombas, tão próximos de todos que pareciam tomar parte da festa. O clarear do dia, o cheiro dos bois davam um tom diferente para aquela manhã. Personagem principal, “Manuelzão se acontecia, repondo o posto, andava no meio, saudava, salvava, respondia, abraçava, dando muita conta de sua cortesia” (ROSA, 2001: 206).

¹ O Ícone de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro é formado por quatro figuras: Nossa Senhora, o Menino Jesus e dois arcanjos. A aparição dos arcanjos com uma lança e a cruz mostram ao Menino Jesus os instrumentos de sua Paixão. Assustado corre aos braços da Mãe. Por causa do movimento brusco desamarra a sandália. Maria o acolhe com ternura e lhe transmite segurança. O olhar de Nossa Senhora não se dirige ao Menino, mas a nós. Porém, sua mão direita nos aponta Jesus, o Perpétuo Socorro. As mãos de Jesus estão nas mãos de Maria. Gesto de confiança do Filho que se apoia na Mãe. Na riqueza de seus símbolos, o ícone bizantino tem ainda muito a revelar. Disponível em: <<http://www.santuário.org.br/icone>>. Acesso em: 30 março 2010.

A Missa continuava no seu curso normal, mas o que chama a atenção é o toque da campainha: “Quando era pelos grandes momentos, o menino do padre tangia a campainha, três em três vezes, o povo batia nos peitos” (ROSA, 2001: 207). Era chegado o momento mais importante da Missa. A campainha lembra isso ao povo, pois todos deveriam voltar os olhos e a atenção para o que acontecia no altar.

Durante a Missa, o silêncio reinava:

Um silêncio espalhável. A gente ouvia as sariemas, no espinhaço da serra, retinir seu canto emendado. Ouvia o barulho das vacas arrancando o capim e dando bufo curto. Saía da gente toda ali uma vontade de respeito, um suor de paz, de roupa nova e dia diferente, uma aragem de virtude (ROSA, 2001: 207-208).

A festa, a bênção da capela, a celebração da Missa, o silêncio são oportunidades para cada um refletir sobre a própria existência. Toda a atmosfera contribui para que cada um pense na própria vida. O que na teologia poderia ser classificado de convite à conversão. O silêncio ajuda o ser humano a dialogar com Deus. Na Bíblia Sagrada encontra-se uma máxima que revela a necessidade do silêncio: “Há tempo de calar e tempo de falar” (Ecl. 3,7). O silêncio ajuda na interiorização e tomada de consciência de que se está na presença de Deus, “é um prelúdio de abertura à revelação” (CHEVALIER, 1997: 833), à oração.

A festa não é só de Manuelzão, mas de todos. Todos são bem-vindos, sem exceções. Em várias partes da obra essa é retomada. Na Missa, a festa do banquete, ninguém poderia ficar de fora, todos são acolhidos. Assim ensinava o próprio Jesus: “Quando deres uma festa, chama pobres, estropiados, coxos, cegos; feliz serás, então, porque eles não têm com que te retribuir. Serás recompensado na ressurreição dos justos” (Lc. 14, 13-14).

Sertão e sertanejo também são sinônimos de caminhada, de caminhos, nem sempre fáceis; muitas vezes, duros, ásperos, secos, empoeirados. Muitos se dirigem ao local da festa e da Missa percorrendo longas distâncias. A procissão é metáfora dos caminhos que todos percorrem, com subidas descidas... É uma viagem: “Para lá, para a Capela, e parecia até que para o Céu, partia a procissão noturna, formada em frente da Casa, demoradamente, e subindo, ladeira arriba; concisos caminhavam” (ROSA, 2001: 178). Entoam cânticos, tocam instrumentos, trazem estandartes: “Os outros acompanhavam, sustendo, o coro estremecia aquela tristeza corajosa: - “... À Senhóoora do Socôôo-rrù...” -; o restante era um entô sem conseguidas palavras” (ROSA, 2001: 178-179). Chegando à capela, entoam o bendito. São os

louvores a Deus e a apresentação da própria vida sofrida: “Louvado Deus seja, que só tira de mim, só me dá o porfim” (ROSA, 2001: 180).

A procissão apresenta ao mesmo tempo uma dimensão regional e de universalidade. Ela é narrada como que no famoso caminho de Santiago: “Rogavam para o rugoso Céu, com estrelas, mas cheio de sobrolho, se serenando na estrada-de-santiago” (ROSA, 2001: 179). De fato, Guimarães Rosa não só conhecia o famoso caminho do Apóstolo São Tiago, na Espanha, mas também os caminhos do sertão mineiro, pois ele mesmo os percorreu durante muitos meses em um lombo de cavalo.

A procissão passa por entre as realidades daquela gente, não quer deixá-los de fora, carrega consigo tudo e todos, pois todos são filhos de Deus. Nesse caso o autor estaria indicando a urgência de maior atenção para com o povo sofrido e pobre, a natureza, os animais, toda a criação:

Até os cães vinham ladeando, disgramados, sarapulando, escrapulando, em confusão de correira. Passou-se resvés de um curral, donde se escutava o sopro dos zebus, o bater de suas imensas cartilagens. Embolavam as cabeças, no escuro, um rude aconchego. Cheiravam a fazenda enriquecida. Gado apartado, à-mão, para se suprir na boiada somante... À Senhora do Socorro ... Quando se inrrompia o cantar, os cachorros zangados latiam. Daí, então, os grilos enchiam com seu grilirú os espaços. Ladeira acima, no corpo da noite, a dupla fila de gente, a voz deles, todos adorando o que não viam. Primeiro as mulheres, em seguida os homens, as chamazinhas tremeleando, o cortejo ia aos altos, traçando as curvas. A poeira saía da escuridão, correndo uma neblina amarelada. Assim aquela procissão, ela marcava o princípio da festa? (ROSA, 2001: 179).

Considerações finais

A literatura e o discurso religioso dialogam constantemente nessa narrativa de Guimarães Rosa. O sertão é descrito como campo simbólico-religioso; assim como o deserto, ele também é símbolo purificador. Neste constante diálogo entre literatura e religião, o sertão é apresentado não somente como espaço geográfico, mas também simboliza o próprio universo. O sertão criado por Guimarães Rosa é uma realidade geográfica, social, política, mas também é uma realidade psicológica e metafísica. É lugar de se adorar o que não vê.

A Fazenda Samarra é o espaço em que são afrontados os problemas, não apenas do homem do sertão, de uma região específica, mas do homem universal: amor e ódio; luta e consagração; perda, alegria e dor; pobreza e encantamento; violência; existência de Deus; metafísica e poesia. Aí está expresso o regionalismo como regionalismo universal.

As metáforas, tão recorrentes na literatura de Guimarães Rosa, também estão presentes em *Uma estória de amor*. Assim, capela é corpo vivo que acolhe a todos; procissão é viagem; cruz é símbolo de fé, de identidade; o sino a voz de Deus.

No sertão, sem preocupação com a doutrina católica, Guimarães Rosa mistura e mescla símbolos diversos. Valoriza elementos simbólicos que parecem sem muita importância, mas que unem em torno de si grandes multidões. São ritos e tradições religiosas que fazem as pessoas saírem de seu mundo, de si mesmas. Aproximam-se de Deus por meios da festa, dos cantos, da dança, do espaço sagrado, da reza do terço, do leilão que ajudará a comprar o sino, da cruz colocada à testa da capela, da imagem de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, da Missa, festa forte.

“Festa não é pra se consumir... mas para depois se lembrar”.

Esta é a Festa de Manuelzão, festa de todos!

E outras estórias continuam...

Referências

BÍBLIA SAGRADA. A. T. *Eclesiastes*. 2. impr. São Paulo: Paulus, 2003. cap. 3, p. 1074.

_____. N. T. *Lucas*. 2. Impr. São Paulo: Paulus, 2003. cap. 14. p. 1815.

CHEVALIER, Jean; Gheerbrant, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 11. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.

LÉON-DUFOUR (Dir.), *Vocabulário de teologia bíblica*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

ROSA, João Guimarães. *Manuelzão e Miguilim: (Corpo de baile)*. 11. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.